

Dicionário de

RELAÇÕES

INTERNACIONAIS

3.^a
Edição

Fernando de Sousa, Pedro Mendes (Coord.)

FERNANDO DE SOUSA

Professor catedrático da Universidade do Porto e da Universidade Lusíada do Porto, é Doutorado em História Contemporânea pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Membro de diversos centros de investigação e sociedades científicas nacionais e estrangeiras, é Presidente e Coordenador Científico do CEPESE – Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade, onde também coordena o Grupo de Investigação “Relações Externas de Portugal”. Ao presente, encontra-se a dirigir vários projetos de investigação, entre os quais, “A emigração portuguesa para o Brasil” e “Os Governos Cívicos de Portugal. História, Memória e Cidadania”.

É um dos coordenadores do *Dicionário de Relações Internacionais*.

Publicações recentes: *Bragança Contemporânea (1820-2012)* (coordenação), 2013; *A Rússia de Catarina a Grande vista pelos portugueses (1779-1781)* (coordenação), 2012; *Os Pacos do Concelho do Porto* (coordenação), 2012; *A Santa Casa da Misericórdia de Vila Real. História e património* (coordenação), 2011; “A emigração portuguesa e italiana para o Brasil – uma análise comparativa (1876-1974)” (em colaboração com Isilda Monteiro), in *Um passaporte para a terra prometida*, 2011; “O primeiro inquérito português à emigração (1843)”, in *Entre Mares: o Brasil dos portugueses*, 2010; “O aprofundamento das relações Brasil-Portugal no contexto da globalização” (em colaboração com Marília Sardenberg Gonçalves), in *As relações Portugal-Brasil no século XX*, 2010; *A emigração portuguesa para o Brasil e as origens da Agência Abreu (1840)* (coordenação), 2009.

PEDRO MENDES

É doutorado em Relações Internacionais pela Universidade Nova de Lisboa e Professor Auxiliar da Universidade Lusíada do Porto. Investigador do CEPESE da Universidade do Porto. Publicações recentes incluem *Portugal e a Europa: factores de afastamento e aproximação da Política Externa Portuguesa (1970-1978)*, 2012; “A (re)invenção das Relações Internacionais na viragem do século: o desafio do construtivismo” in *Relações Internacionais*, 2012; “A questão europeia no Marcelismo: o debate geracional” in *População e Sociedade*, 2013; “Continuidade e mudança na Política Externa dos Estados Unidos: contexto, liderança e imprevisibilidade” in *CEPESE Working Papers*, 2013; “A invenção das Relações Internacionais como ciência social: uma introdução à Ciência e à Política das RI” in *CEPESE Working Papers*, 2013.

Co-coordenador deste *Dicionário*, foi o autor do capítulo introdutório e o principal responsável pelas entradas no domínio das Teorias das Relações Internacionais.

DICIONÁRIO DE
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

TÍTULO: Dicionário de Relações Internacionais (edição revista e aumentada)

COORDENAÇÃO: Fernando de Sousa e Pedro Mendes

© 2008, Edições Afrontamento, CEPESE

EDIÇÃO: Edições Afrontamento/CEPESE – Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade

Rua Costa Cabral, 859 – 4200-225 Porto

www.edicoesafrontamento.pt | geral@edicoesafrontamento.pt

COLEÇÃO: Dicionários/3

N.º DE EDIÇÃO: 1177

ISBN EDIÇÕES AFRONTAMENTO: 978-972-36-0981-3

ISBN CEPESE: 978-989-95922-2-3

DEPÓSITO LEGAL: 373792/14

EXECUÇÃO GRÁFICA: Rainho & Neves Lda./Santa Maria da Feira

geral@rainhoeneves.pt

1.ª EDIÇÃO: JUNHO DE 2005

2.ª EDIÇÃO: SETEMBRO DE 2008

3.ª EDIÇÃO: MAIO DE 2014

Coleção DICIONÁRIOS

DICIONÁRIO
DE
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Coordenação de

Fernando de SOUSA
Pedro MENDES

3.ª Edição
revista e aumentada



 Edições
Afrontamento

COLABORADORES

Ana Almas de Sousa (Universidade Lusófona)
Bruno Rodrigues (CEPESE)
Diogo Ferreira (CEPESE)
Fernando de Sousa (Universidade Lusíada do Porto e CEPESE)
Helena Cristina de Abreu (Universidade Lusíada do Porto e CEPESE)
Isabel Babo-Lança (Universidade Lusófona e CEPESE)
Jerónimo Molina Cano (Universidade de Múrcia, Espanha)
João Amorim Esteves (Universidade Lusíada do Porto e CEPESE)
José Caramelo Gomes (Universidade Portucalense)
José Pedro Fernandes (ISCET e CEPESE)
Lorenzo López Trigal (Universidade de Léon, Espanha)
Manuel Monteiro (Universidade Lusíada do Porto)
Maria Cristina Seia (Universidade Lusíada do Porto e CEPESE)
Maria Raquel Freire (Universidade de Coimbra e CES)
Micaela Pinho (Universidade Lusíada do Porto)
Paula Barros (CEPESE)
Paula Duarte Lopes (Universidade de Coimbra e CES)
Paula Santos (Instituto Politécnico de Lamego e CEPESE)
Paulo Amorim (Universidade Lusíada do Porto e CEPESE)
Pedro Mendes (Universidade Lusíada do Porto e CEPESE)
Ricardo Rocha (CEPESE)
Rui Marrana (Universidade Lusíada do Porto)
Susana Ferreira (Universidade Lusíada do Porto)
Teresa Cierco (Universidade do Porto e CEPESE)
Williams Gonçalves (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil)

*A Adriano Moreira,
introdutor da Política Internacional
e das Relações Internacionais em Portugal*

INTRODUÇÃO À 1.ª E 2.ª EDIÇÕES

A docência que há largos anos desenvolvemos no Departamento de Relações Internacionais da Universidade Lusíada do Porto levou-nos, desde cedo, a apercebermo-nos das dificuldades que se colocam a quem se dedica ao ensino desta área científica em Portugal:

- por um lado, a deficiente preparação dos alunos que frequentam os cursos de Relações Internacionais, obrigados, dada a natureza multidisciplinar daquela, a dominarem teorias, conceitos e factos que relevam, logicamente, das próprias Relações Internacionais, mas também das ciências sociais em geral, particularmente da História, da Política, do Direito, da Sociologia e da Economia;
- por outro lado, a inexistência de bons manuais de Relações Internacionais, traduzidos em português ou da autoria de especialistas nacionais, nomeadamente um *Dicionário de Relações Internacionais*, que permita aos alunos a definição e compreensão dos conceitos utilizados nas disciplinas que integram tal licenciatura.

É certo que, recentemente, alguns trabalhos se publicaram e traduziram no sentido de tentar colmatar esta lacuna. O professor Adriano Moreira, pai da Ciência Política, da Política Internacional e das Relações Internacionais em Portugal, publicou a sua excelente *Teoria das Relações Internacionais* (1997); Pascal Boniface viu traduzido em português o seu *Atlas de Relações Internacionais* (1999); José Adelino Maltez deu à estampa o seu erudito *Curso de Relações Internacionais* (2002); José Pedro Teixeira Fernandes, mais recentemente, publicou *Teorias das Relações Internacionais: da Abordagem Clássica ao Debate Pós-Positivista* (2004); e existe ainda a publicação *JANUS, Anuário de Relações Exteriores*, coeditado desde 1996 pelo jornal *PÚBLICO* e pela Universidade Autónoma de Lisboa. E no que diz respeito a dicionários ou glossários de Relações Internacionais, surgiu, entretanto, traduzido em português, o *Dicionário das Relações Internacionais*, dirigido por Pascal Boniface (2001), o qual, enformado por uma conceção «empírico-descritiva» das Relações Internacionais, está longe de cumprir os objetivos que se pretendem numa obra desta natureza, uma vez que ignora conceitos e teorias.

Todavia, continuava a faltar, no primeiro caso, um bom manual de Introdução às Relações Internacionais que, «de forma tão clara e tão pedagógica quanto possível, apresente o essencial do saber acumulado, aplicando-o às grandes questões de hoje» (Smouts). E, no segundo caso, não havia um dicionário que nos fornecesse, em língua portuguesa, as ideias, as teorias, as correntes doutrinárias e os conceitos fundamentais para uma razoável compreensão, por parte dos alunos, das Relações Internacionais enquanto ciência – para já não falarmos dos conceitos das áreas da História, da Política, do Direito, da Sociologia, da Economia, da Ecologia e até da Metodologia das Ciências Sociais, que lógica e obrigatoriamente integram os cursos de Relações Internacionais. Algo como o *Dictionary of Interna-*

tional Relations, de Graham Evans e Jeffrey Newnham, cuja consulta se revelou muito útil e acabou por se assumir, em parte, como o modelo do nosso trabalho.

Sabemos que o vocabulário das Relações Internacionais é pouco rigoroso e que, não raras vezes, os mesmos termos designam realidades diferentes ou que, pelo contrário, vocábulos diferentes são utilizados para designar uma mesma realidade, ou realidades muito próximas.

O seu estudo foi, durante muito tempo, assunto de historiadores e juristas. Torna-se difícil, pois, falar de uma «linguagem comum», uma vez que o vocabulário não acompanhou os progressos do estudo das Relações Internacionais propriamente ditas. Precisamente por tal facto é que os dicionários de Relações Internacionais revelam-se imprescindíveis para afirmar as Relações Internacionais como um património indispensável das Ciências Sociais.

O *Dicionário de Relações Internacionais* que agora damos a lume surgiu de uma gestação lenta e pragmática, que teve a ver com a necessidade de responder às necessidades/solicitações dos nossos alunos, às dificuldades que eles sentiam, fundamentalmente quanto às teorias e conceitos utilizados nas cadeiras da licenciatura em Relações Internacionais. Daí a nossa iniciativa, há largos anos, de criarmos um dicionário que, a pouco e pouco, foi colocado à sua disposição, alargado e enriquecido, graças, por um lado, à utilização dos sumários desenvolvidos nas cadeiras da licenciatura e, por outro lado, aos contributos de alguns investigadores do Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade (CEPESE), da Universidade do Porto, e de outras universidades, nacionais e estrangeiras, mas com uma formação de base diversificada, de forma a responder às exigências de uma ciência plural e multidisciplinar.

Sabemos bem que as relações entre o Direito, a História, a Economia e a Sociologia por um lado, e as Relações Internacionais por outro, não são exemplares, como sempre acontece quando surge uma nova disciplina ou campo de estudos. Tal não impede que as Relações Internacionais deixem de apelar a todas elas, a exigir, deste modo, ao investigador ou estudioso das Relações Internacionais, uma formação segura e pluridisciplinar, na História das Relações Internacionais, na Política, na Sociologia, no Direito Internacional e na Economia.

Estamos, assim, perante um trabalho de equipa, sabendo todos nós as dificuldades que se levantam quanto à homogeneidade, equilíbrio, metodologia e critérios comuns a que deve obedecer o produto final, para não ser uma simples justaposição de textos (como por vezes acontece em enciclopédias e dicionários), com entradas extensíssimas ao lado de outras bem reduzidas que deviam merecer igual tratamento – para já não falarmos da diferente qualidade dos mesmos, defeito a que nenhuma obra coletiva se consegue furtar.

De qualquer modo, a difícil e morosa tarefa de coordenação, reajustamento, reformulação e refundição dos textos, pela nossa parte, não deixou de ser feita, cabendo-nos a nós a responsabilidade de tudo quanto vier a ser criticável neste Dicionário.

Esta obra destina-se, antes de tudo, a servir de instrumento de base para os alunos universitários de Relações Internacionais, o que não impede, longe disso, que seja também uma obra de consulta para todos aqueles que se preocupam com as Relações Internacionais contemporâneas, com a Política Internacional, com a Globalização, com as profundas transforma-

ções/ruturas que se fazem sentir nesta viragem do século XX para o século XXI, enfim, para todos aqueles que procuram compreender a realidade internacional, as grandes tendências do mundo em que vivemos – as mutações, tensões e riscos atuais, como diria Chagnollaud –, marcadas pela implosão da União Soviética e pelo desaparecimento do mundo comunista ocidental; pelo desenvolvimento imperial dos EUA; pela afirmação económica da China, que mantém um frágil, precário e incerto equilíbrio, balançando entre o socialismo/capitalismo e a ditadura/democracia; pela emergência do colosso indiano; pelas hesitações do mundo islâmico, oscilando entre o integrismo e a modernização; pelo alargamento da União Europeia; pelo desenvolvimento da ação humanitária; pelo robustecimento das ONG; pela instauração de tribunais penais internacionais e a mundialização da justiça; pelo reforço das interdependências; pela multilateralização das diplomacias; pela intensidade das migrações internacionais; pela globalização das novas tecnologias da informação (internet); pela corrupção; pelo terrorismo internacional; e pelo desafio ambiental e problemas ecológicos.

Nesta perspetiva, preocupou-nos menos a erudição, o carácter exaustivo ou demasiado especializado da informação, a discussão teórica aprofundada, os debates «interparadigmáticos» e inacabados, e pelo contrário, mais a definição breve mas rigorosa das teorias, doutrinas e dos conceitos de base – mesmo sabendo nós que o vocabulário das ciências sociais varia de autor para autor e não pára de evoluir –, e a pluridisciplinaridade que favorece a comparação e ajuda a descobrir a própria natureza e estrutura das Relações Internacionais, no contexto mais amplo das Ciências Sociais e Humanas. Não se trata, portanto, de um dicionário de História das Relações Internacionais, ou de um dicionário de Geopolítica e, muito menos, de um dicionário de Política ou de políticos. Trata-se, isso sim, de uma obra didática, generalista, atual, que constitui – assim esperamos – uma iniciação útil, servindo de referência e orientação para os alunos e leitores que pretendam introduzir-se nas Relações Internacionais.

As entradas do Dicionário foram escolhidas a partir justamente das preocupações expressas pelos alunos de Relações Internacionais quanto a conceitos, doutrinas e teorias mais utilizados, assim como quanto a instituições e organismos internacionais mais importantes, sem pretensões de hierarquização ou exaustividade, e tendo em atenção, ainda, as disciplinas que, regra geral, integram os cursos de Relações Internacionais.

No final, apresenta-se a lista das abreviaturas e siglas constantes desta obra, em português e inglês, assim como as fontes e a bibliografia selecionadas que serviram de base à realização deste *Dicionário de Relações Internacionais*, permitindo ao leitor, sempre que o entenda, aprofundar os assuntos tratados.

Não temos quaisquer dúvidas quanto à existência de algumas imprecisões, omissões e inúmeras lacunas que este trabalho apresenta. Sabemos que existem e que sempre existirão em estudos desta natureza. Deles nos penitenciamos, agradecendo, desde já, a disponibilidade de todos aqueles que tiverem a bondade de nos fazer chegar as suas críticas e sugestões, de forma a podermos corrigir e ampliar esta obra em próxima edição.

Fernando de SOUSA
Presidente do Centro de Estudos da População,
Economia e Sociedade (CEPESE)

INTRODUÇÃO À 3.ª EDIÇÃO

O bom acolhimento que esta obra teve por parte do mundo universitário e dos leitores em geral fez com que as duas edições do *Dicionário de Relações Internacionais* se esgotassem mais rapidamente do que nós pensávamos (apesar da debilidade do nosso mercado do livro), a demonstrar, assim, a sua utilidade e a atualidade da sua publicação.

Confrontados com tal realidade pela editora e face à necessidade urgente de procedermos à sua reedição damos agora à estampa esta terceira edição revista e aumentada.

Como nas anteriores edições, esta obra tem como principal objectivo ser uma ferramenta útil para os alunos que estudam Relações Internacionais e para todos os que se interessam pelos Estudos Internacionais. Mais uma vez, parte de contributos vários e de desiguais características como é tradicional em obras com um grande número de colaboradores que, na sua maioria, se integram na perspectiva multidisciplinar dos Estudos Internacionais. Esta característica é bem patente nas edições anteriores e reflete a abordagem continental portuguesa do ensino das Relações Internacionais. Todavia, esta edição, sobretudo fruto da sua nova coordenação, mas também de novas colaborações nacionais e internacionais, tentou rever e aumentar de forma substancial os conceitos e teorias específicos da disciplina científica das Relações Internacionais.

Esta nova edição integra, ainda, um novo capítulo introdutório onde de uma forma sintética e original, em Portugal, se tenta traçar um breve enquadramento histórico e teórico do nascimento e formação das Relações Internacionais como ciência social numa perspectiva comparada.

Desde a origem deste *Dicionário* novos e desafiantes fenómenos ocorreram nas relações internacionais. Em primeiro lugar, assistimos a importantes e inovadoras crises de crescimento do capitalismo global. Com efeito, apesar de vários atores emergentes (BRIC) terem introduzido uma maior expansão e crescimento para a economia internacional, agravaram-se os desequilíbrios entre o capitalismo financeiro e o capitalismo industrial global. A aceleração da globalização dos mercados não teve o acompanhamento regulatório equivalente. Às crises financeiras regionais passaram a difundir-se globalmente e a interdependência complexa da economia, política, ambiente e segurança, faz-se hoje notar como nunca aconteceu anteriormente.

Para além de uma nova e mais complexa globalização, as relações internacionais passaram a ser caracterizadas por uma ordem internacional tendencialmente unipolar, onde os EUA surgem como a única superpotência mundial, ficando por saber se esta liderança hegemónica é aceite como benigna e estabilizadora, ou é contestada e potenciadora de desequilíbrios e desordem no sistema internacional. Aqui, várias teorias concorrentes apontam cenários especulativos e sugerem que na ordem

internacional contemporânea e futura as relações internacionais serão dominadas pelo choque das civilizações, pelas novas guerras assimétricas, pelo terrorismo pós-moderno global, pela hegemonia americana e pelo desafio contra-hegemónico de novos poderes globais como a China.

Na verdade, depois de assistirmos ao regresso do político nas relações internacionais pós-Guerra Fria, onde se viveu mais de uma década onde os processos políticos foram preponderantes, vivemos atualmente um período onde, aparentemente, é a economia, com as suas crises e desequilíbrios, que se tornou o centro das atenções.

O mundo atual já não é dominado unicamente pelo tradicional eixo do norte ocidental Europa-América. A América Latina emerge e sobretudo a Ásia introduziu um novo (des)equilíbrio geopolítico e económico nas relações internacionais. A Europa vive mergulhada numa crise económica com graves repercussões políticas. Todavia, aqui, como globalmente, parece que os líderes políticos se esqueceram que as decisões económicas são sempre escolhas políticas e que, em última análise, a economia é sempre política. Neste sentido, é necessária uma nova e mais construtivista perspectiva na decisão e análise das relações internacionais.

Numa perspectiva idealista-liberal, as relações internacionais são hoje menos anárquicas, mais institucionalizadas e a regulação regional e global é consideravelmente maior do que alguma vez foi no passado. As ilhas de paz e as comunidades de segurança estão mais robustas e difundiram-se internacionalmente. A paz democrática é um facto positivo e a expansão do modelo demoliberal ocidental a todos os continentes, juntamente com a afirmação das organizações internacionais, das suas normas e modelos de governança, irão resultar em relações internacionais menos conflituosas e mais cooperantes.

Numa perspectiva realista, apesar de novos atores e problemas, nada mudou na essência da natureza humana e na estrutura das relações internacionais. Os decisores continuam egoisticamente a pensar apenas nos seus interesses nacionais. A anarquia, o equilíbrio de poder e um sistema internacional de auto-ajuda continuam a ser os elementos mais importantes a definirem as relações internacionais. A guerra não deixou de ser uma possibilidade iminente num sistema westfaliano conflitual e de busca permanente pelo poder.

Como se pode constatar por estas breves palavras introdutórias, não é possível compreender o mundo atual sem dominar alguns dos conceitos básicos da disciplina científica das Relações Internacionais. Mais uma vez é desta preocupação que nasce esta terceira edição, revista e aumentada, com uma nova coordenação e com atualizações importantes no domínio da teoria e política internacional.

Apenas nos resta agradecer o apoio e o incentivo que recebemos de vários colegas universitários que também se dedicam às Relações Internacionais, permitindo-nos referir, tão-somente, Adriano Moreira, Esteves Pereira, Luís Lobo Fernandes, Severiano Teixeira e Teresa Rodrigues.

Porto, 2013

Fernando de SOUSA
Pedro Mendes

Dicionário de RELAÇÕES INTERNACIONAIS

3

Esta obra destina-se, antes de tudo, a servir de instrumento de base para os alunos universitários de Relações Internacionais, o que não impede, longe disso, que seja também uma obra de consulta para todos aqueles que se preocupam com as Relações Internacionais contemporâneas, com a Política Internacional, com a Globalização, com as profundas transformações/ruturas que se fazem sentir nesta viragem do século XX para o século XXI, enfim, para todos aqueles que procuram compreender a realidade internacional, as grandes tendências do mundo em que vivemos – as mutações, tensões e riscos atuais, como diria Chagnollaud – marcadas pela implosão da União Soviética e o desaparecimento do mundo comunista ocidental; pelo desenvolvimento imperial dos EUA; pela afirmação económica da China que mantém um frágil, precário e incerto equilíbrio, balançando entre o socialismo/capitalismo e a ditadura/democracia; pela emergência do colosso indiano; pelas hesitações do mundo islâmico, oscilando entre o integrismo e a modernização; pelo alargamento da União Europeia; pelo terrorismo internacional e pelo desafio ambiental.

Nesta perspetiva, preocupou-nos menos a erudição, o carácter exaustivo ou demasiado especializado da informação, a discussão teórica aprofundada, os debates «interparadigmáticos» e inacabados, e, pelo contrário, mais a definição breve mas rigorosa das teorias, doutrinas e dos conceitos de base – mesmo sabendo nós que o vocabulário das Ciências Sociais varia de autor para autor e não pára de evoluir –, a pluridisciplinaridade que favorece a comparação e ajuda a descobrir a própria natureza e estrutura das Relações Internacionais, no contexto mais amplo das Ciências Sociais e Humanas. Não se trata, portanto, de um dicionário de História das Relações Internacionais, ou de um dicionário de Geopolítica e muito menos de um dicionário de Política ou de políticos. Trata-se, isso sim, de uma obra didática, generalista, atual, que constitui – assim esperamos – uma iniciação útil, e serve de referência e orientação para alunos e leitores que pretendam iniciar-se nas Relações Internacionais.

ISBN 978-972-36-0981-3



9 789723 609813



COLEÇÃO DICIONÁRIOS